



NÁTALY APARECIDA DE JESUS SOUZA

**CONTRIBUIÇÕES DOS PRESSUPOSTOS DA PSICOLOGIA
HISTÓRICO CULTURAL PARA A SUPERAÇÃO DAS
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO**

LAVRAS- MG

2019

NÁTALY APARECIDA DE JESUS SOUZA

**CONTRIBUIÇÕES DOS PRESSUPOSTOS DA PSICOLOGIA
HISTÓRICO CULTURAL PARA A SUPERAÇÃO DAS
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
Lavras, como parte das exigências do
curso de Pedagogia, para a obtenção do
título de licenciado.

Prof(a). Dr (a). Larissa Figueiredo SalmenSeixlack Bulhões

Orientador (a)

LAVRAS- MG

2019

NÁTALY APARECIDA DE JESUS SOUZA

**CONTRIBUIÇÕES DOS PRESSUPOSTOS DA PSICOLOGIA HISTÓRICO
CULTURAL PARA A SUPERAÇÃO DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM
NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO.**

**CONTRIBUTIONS OF THE ASSUMPTIONS OF HISTORICAL CULTURAL
PSYCHOLOGY FOR THE OVERCOMING OF LEARNING DIFFICULTIES IN THE
LITERACY PROCESS.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
Lavras, como parte das exigências do
curso de Pedagogia, para a obtenção do
título de licenciado.

APROVADO em 24 de junho de 2019.

Dr. (a) Elaine das Graças Frade

Dr. (a) Ilsa do Carmo Vieira Goulart

Prof(a). Dr (a). Larissa Figueiredo SalmenSeixlack Bulhões

Orientador (a)

LAVRAS-MG

2019

“ Embora eu não acredite que uma planta possa brotar onde não haja sementes tenho muita fé na semente.

Convença-me de que você tem uma semente, e estou preparada para esperar maravilhas.”

(Simone Bahia)

RESUMO

Pretendeu-se, neste trabalho identificar as contribuições dos pressupostos da psicologia histórico-cultural para o domínio da linguagem escrita para a superação das dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização. Para tal, a pesquisa valeu-se do método pesquisa do tipo intervenção, na qual realizou-se o acompanhamento de duas crianças do 3º ano do Ensino Fundamental com dificuldades de aprendizagem. A intervenção aconteceu no período de 1 ano letivo, com encontros ora semanais, ora mensais; no horário de aula- na maioria das vezes em uma sala reservada para estudo individual; com duração variando entre 30 minutos a 50 minutos. Ao final desta pesquisa, alcançou-se como resultados, além da ampliação do conhecimento teórico sobre o tema, avanços significativos- sobretudo na aquisição da leitura dos alunos participantes. Contudo, espera-se que a presente pesquisa possa contribuir para a prática docente ao que tange os saberes teóricos pedagógicos requeridos no ensino- sobretudo da aquisição da leitura e da escrita.

Palavras- chave: Linguagem. Escrita. Formação de professores, Alfabetização, Psicologia Histórico Cultural.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
Pressupostos da Psicologia Histórico Cultural	10
Perspectiva da Psicogênese da Língua Escrita	11
3 MÉTODOLOGIA	13
4 O CONTATO COM A INSTITUIÇÃO	14
5 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA	15
6 PROCEDIMENTOS ÉTICOS	16
7 A PROFESSORA	16
8 CASO MURILO.....	17
A criança e a família.....	18
A criança na escola.....	19
Observação em sala de aula.....	20
A criança no grupo.....	22
8.5. A entrevista com a criança.....	23
9 AUTO RETRATO	23
10 SONDAAGEM DE HIPÓTESE DE ESCRITA.....	25
A INTERVENÇÃO	28
11 CASO PAULO	30
A criança na família	30
A criança na escola.....	31
Observação em sala de aula.....	32
A criança no grupo.....	33
A entrevista	33
Sondagem de hipótese de escrita	34
A intervenção	37
Discussão	39
12 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS.....	43

APÊNDICE A- Entrevista com o Murilo	44
APÊNDICE B – Entrevista com o Paulo.....	45

1 INTRODUÇÃO

De acordo com os dados da Avaliação Nacional de 2016¹, é bastante preocupante a recorrência das dificuldades de aprendizagens no processo de alfabetização ao longo de toda a Educação Básica. Essas dificuldades de aprendizagens impedem o aluno de alcançar uma nova etapa de ensino-aprendizagem e redundam em um grande índice de fracasso escolar nos anos iniciais do ensino, fracasso este justificado principalmente pela não alfabetização das crianças nos anos iniciais do Ensino.

Tendo estes pressupostos em vista, temos como problema de pesquisa investigar se a compreensão do psiquismo à luz da psicologia histórico-cultural pode contribuir para os domínios teóricos- técnicos docentes frente às dificuldades de aquisição da escrita como instrumento cultural complexo, de modo a superar as dificuldades de aprendizagens vivenciadas em sala de aula.

Destarte, o objetivo geral deste trabalho foi identificar as contribuições dos pressupostos da psicologia histórico-cultural referentes às transformações psíquicas requeridas no domínio da linguagem escrita para a superação das dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização de crianças no 3º ano do Ensino Fundamental.

Para tanto, foram realizadas intervenções pautadas nos pressupostos da Psicologia Histórico- Cultural sobre o papel das interposições educativas no processo de ensino e aprendizagem, bem como nos estudos de Emília Ferreiro sobre a Psicogênese da língua escrita.

Ao final da pesquisa, foi possível perceber uma postura mais autoconfiante dos meninos frente aos estudos, e ainda um salto qualitativo de ambos diante da leitura e da escrita.

¹ Disponível em <http://ana.inep.gov.br/ANA/>

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Pressupostos da Psicologia Histórico Cultural

Historicamente a psicologia se instaurou no campo educacional com a finalidade de oferecer subsídios para as práticas docentes. Subsídios estes pautados em estudos sobre como os indivíduos se desenvolvem e aprendem. De acordo com Antunes (2003), a psicologia e a educação serviram de objeto de estudo uma para a outra, de forma a contribuírem mutuamente para a fundação e o desenvolvimento dessas duas áreas. Contudo a psicologia tradicional pautada nos pressupostos positivistas- não considerava a natureza social do desenvolvimento psiquismo; tão pouco versava sobre o papel dos signos da cultura neste processo. Destarte, as articulações entre a psicologia e a educação situavam-se nos limites da atuação clínica dentro da escola, redundando na biologização e psicologização das dificuldades de aprendizagem – o que, em última instância culpabiliza os estudantes e as famílias pelo fracasso escolar, sob um viés classista, arbitrário e preconceituoso.

De acordo com Guzzo (2010), no Brasil, este cenário começou a mudar a partir da década de 80, quando estudiosos da área passaram a defender a compreensão das múltiplas determinações envolvidas no processo de ensino e aprendizagem e na produção social do fracasso escolar. Neste sentido, passou-se a considerar as dimensões políticas, sociais, econômicas e pedagógicas envolvidas nas dificuldades escolares e nos processos de retenção e evasão. Tais dimensões revelam o caráter contraditório e excludente das instituições de ensino, cujos mecanismos marginalizam as crianças que não atendem às idealizações classistas de família e cultura perpetuado nas escolas. Revelaram também, que a abordagem clínica e individualista da psicologia tradicional contribuía para este processo, rotulando e estereotipando os estudantes que não se adaptavam aos ditames arbitrariamente impostos pelas instituições.

Tendo em vista a superação destas limitações, a psicologia crítica passou a defender que a articulação entre a psicologia e a educação tivesse como princípio a compreensão histórica e social de constituição do psiquismo humano- pautando-se, majoritariamente, nos pressupostos da psicologia histórico- cultural (MARTINS,

2017; GUZZO, 2010). Esta vertente teórica surgiu nas primeiras décadas do século XX quando os estudiosos Lev Semenovich Vygotsky, Alexander Romanovich Luria e Alexis Nikolaevich Leontev lançaram mão de novos fundamentos para a psicologia apoiando-se na compreensão interfuncional dos processos psíquicos. A seguir abordaremos sucintamente os principais pressupostos desta teoria a qual subsidiou o trabalho em tela.

A psicologia histórico-cultural pauta-se no delineamento das especificidades do psiquismo humano, encontrando na categoria trabalho o eixo central para esta caracterização. Segundo Martins (2017) o ser humano, por meio do trabalho, produz e re- produz suas condições de existência; neste processo, alcança a expressão consciente de psiquismo- estabilizando afetivo-cognitivamente os signos da cultura por meio da linguagem. Portanto, para esta teoria, as interposições educativas são fundamentais para o processo de humanização, dado que são elas as responsáveis pela consolidação dos processos funcionais superiores, os quais edificam-se sobre autocontrole da conduta e delineiam os comportamentos humanos culturalmente formados (VYGOTSY, 1995).

Como anunciado anteriormente, além dos pressupostos da teoria histórico-cultural, a presente pesquisa adotou como referência a perspectiva psicolinguística de Emília Ferreiro. Tal procedimento foi adotado tendo em vista que, de acordo com Mortati (2000), esta concepção teórica tem sido fortemente adotada no sudeste brasileiro desde 1984, com investimentos contínuos e significativos na formação e capacitação docente, o que redundou na supremacia deste ideário nas instituições de ensino.

Perspectiva da Psicogênese da Língua Escrita

Para as autoras Ferreiro e Teberosky (1999), as crianças formulam hipóteses a respeito da leitura e escrita e sobre como se dá tal representação. Não obstante, as crianças nesse momento ainda não compreendem a função social da escrita e tão pouco seu funcionamento. A partir do contato e experimentação que as crianças vão sendo oportunizadas a ter com a leitura e com a escrita é que elas vão compreendendo sua função na sociedade e organização.

Como dito, a exposição da criança a situações que envolvem relação com o ato de ler e escrever dá a ela a possibilidade de aprender – de forma processual -, a leitura e a escrita. As autoras caracterizam esse processo de acordo com a evolução que as crianças vão apresentando ao longo do tempo.

Esse processo de aquisição da leitura e escrita se inicia com as representações das crianças em forma de rabiscos, pseudo-letas, nessa fase as crianças são **Pré Silábicas**.

Posteriormente, a criança começa a escrever uma letra para representar uma sílaba, ora fazendo relação grafema- som, ora não. E nesse momento a criança está na fase chamada pelas autoras de **silábica sem valor sonoro ou silábica com valor sonoro**.

Já na fase **silábica alfabética**, a criança começa a escrever ora a sílaba completa e ora só uma letra com correspondência ao som.

Por último, tem-se a etapa **alfabética**, onde a criança já compreende o sistema da escrita, já consegue escrever as palavras de forma mais completa, porém, podendo ainda não se ater às regras ortográficas.

Diante do que foi posto, a sondagem de hipótese de escrita é para a autora Ferreiro(1985) um importante recurso no processo de ensino-aprendizagem, visto que uma sondagem permite ao educador acompanhar o desenvolvimento da criança e ir ajustando seu plano de aula de acordo com a fase de desenvolvimento e necessidades de aprendizagens da criança. A sondagem se caracteriza com a escrita e leitura espontânea da criança. Ela escreve tal qual acredita ser a forma correta da escrita. Dessa maneira, o docente ao analisar as escritas produzidas pelas crianças é possível perceber a compreensão que elas estão fruindo da leitura e da escrita, por conseguinte, ter a visão das aprendizagens efetivadas pelas crianças.

Quando uma criança escreve tal como acredita que poderia ou deveria escrever certo conjunto de palavras, está nos oferecendo um valiosíssimo documento que necessita ser interpretado para poder ser avaliado. (FERREIRO, 1985, p. 9)

Segundo Ferreiro (1996, p.24) o ambiente social favorece o desenvolvimento da alfabetização. As crianças porém, ao longo do tempo vão formulando suas próprias teorias acerca da leitura e da escrita.

Na atualidade temos que, enquanto docentes, compreender a concepção da escrita no processo de alfabetização de forma clara, salientando que esse é um

processo que não se caracteriza como sendo um hábito motor, uma técnica, e sim um processo onde o sujeito precisa entender o seu sentido e significado para que de fato seja internalizado e aprendido. E sobretudo entender que o desenvolvimento da leitura e da escrita vão evoluindo aos poucos, por fases. Fases estas que partem de simples rabiscos e vão evoluindo para símbolos diferenciados, até que por fim chegam-se às palavras, ora talvez fora dos padrões das convenções da escrita, porém, de forma clara notamos que a criança já compreende o sistema de escrita. (FERREIRO, 1985; LURIA, 2008). A criança compreende que os sons podem ser representados em palavras, e ela percebe a leitura e a escrita como uma forma de comunicação.

Diante de algumas observações feitas pela autora Emília Ferreiro para o processo de alfabetização, é preciso se atentar e tomar alguns cuidados, considerar sempre o caráter que a língua adquire para um determinado sujeito, se ela foi introduzida nos vários contextos da vivência desse sujeito, se foi dado a esse sujeito condições de acesso a leitura e a escrita, e se esse sujeito foi hostilizado ou super valorizado ou não enquanto se relacionava com o processo de alfabetização.

Percebe-se porém um grande equívoco por parte dos docentes no processo de ensinar a ler e escrever, quando não consideram por exemplo a fase de leitura ou de escrita que a criança está, fazendo cobranças para além das suas possibilidades. Equívocos esses que não ponderam os critérios acima discutidos. É importante no entanto se atentar no processo de alfabetização, quanto a especificidade de aprendizagem que cada aluno tem.

A autora afirma ainda que a alfabetização acontece de forma processual ao longo de toda a vida escolar da criança, e se inicia muito antes das crianças entrarem nas escolas. Esse processo tem seu início quando a criança se aproxima de situações ou coisas que lhe proporciona relação com o ato de ler e escrever.

3 MÉTODOLOGIA

Esta pesquisa será do tipo intervenção, é denominada do tipo intervenção por promover uma interferência no meio com a finalidade de promover melhorias entre as relações e/ os sujeitos. Com essa pesquisa de intervenção, visamos acompanhar as aulas de duas crianças do 3º ano do Ensino Fundamental com dificuldades de aprendizagem, buscando articular atividades pedagógicas que propiciem um salto do

psiquismo á sua rotina escolar. A intervenção aconteceu no período de 1 ano letivo, com encontros ora semanais, ora mensais; no horário de aula e na maioria das vezes em uma sala reservada para estudo individual; com duração variando entre 30 minutos a 50 minutos.

No texto, teremos descrito a caracterização das crianças, da escola e da família e a trajetória escolar dessas crianças, por fim o resultado da pesquisa.

4 O CONTATO COM A INSTITUIÇÃO

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo relatar a experiência de acompanhamento de dois alunos do terceiro ano do Ensino Fundamental I da rede municipal de ensino considerados com dificuldades de aprendizagem para que possamos compreender a relação ensino-aprendizagem estabelecida nesta sala de aula e sistematizar práticas metodológicas à luz dos pressupostos da psicologia histórico-cultural para a superação de dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização.

A escola diante desta pesquisa foi muito receptiva e abraçou a proposta da pesquisa. Tal postura da escola, foi vista com muita satisfação e apreço, visto que as escolas de forma geral não se disponibilizam dessa forma para as pesquisas e tão pouco disponibilizam o tempo, o aluno e os materiais do mesmo.

A supervisora indicou imediatamente dois alunos do terceiro ano para participarem das intervenções.

- A professora também foi acolhedora e disponibilizou as suas atividades e avaliações para serem objeto de estudo da pesquisa.

Como a indicação dos alunos foi feita pela supervisora eu perguntei se a professora concordava com a indicação preliminar da supervisora. Ela respondeu que os alunos indicados eram, de fato, os que apresentavam dificuldades de aprendizagem mais preocupantes da sala de aula. Perguntei ainda quais eram os “melhores” alunos, ela direcionou para algumas crianças e disse “*Eles são muito espertos, captam as coisas rápido, e dentre eles o O. é o que capta as coisas ainda mais rápido*”.

5 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A escola participante é a única da rede municipal na cidade, tem a sua localização na parte central e atende alunos da zona urbana e rural. O perfil dos alunos inseridos nesta escola é bastante plural, já que, por ser a única instituição escolar da cidade atende todas as classes sociais.

A instituição tem uma boa estrutura física, salas amplas, ventiladas e a pintura em bom estado, brinquedos pedagógicos, materiais didáticos, salas de projeção, leitura e brinquedoteca. Enfim é uma escola que tem o potencial de oferecer aos alunos opções diversificadas para uma aprendizagem significativa.

A relação da escola com a família pôde ser percebida na reunião bimestral realizada pela escola. Nessa reunião, compareceram 12 mães, uma saiu mais cedo, uma chegou atrasada e uma chegou quase ao final da reunião.

A frequência foi razoavelmente boa; contudo, foi apontado que os responsáveis que precisariam estar na reunião não compareceram. A questão que estava em pauta nessa reunião foi a prática da leitura e o dever de casa. A professora solicitou aos pais que ajudasse em casa com essas questões.

A mãe do Murilo² compareceu na reunião. Segundo a professora, ela é presente na vida escolar do filho, procura saber como está o desenvolvimento dele na escola. A mãe do menino relatou que em casa, a chegada do irmão mais novo causou ciúmes no Murilo e devido a isso, sempre que ela precisa chamar a atenção do menino ele a responde grosseiramente e sempre se remete ao irmão mais novo. Diante dessa situação a mãe de Murilo diz que pra não perder a paciência, deixa o menino de lado.

A professora entende que o problema de Murilo é com a leitura e a escrita, tanto que passou apenas isso para a mãe do menino na reunião.

A mãe do Paulo³ não compareceu na reunião.

Ao final da reunião, a professora me disse que os pais que precisavam estar na reunião não vieram, que a sala é boa mais peca no quesito dever de casa e na leitura. Ela acredita que precisa da ajuda dos pais para que as crianças tenham progresso. Depois a professora mencionou que precisava conversar com a mãe do Paulo, pois estava preocupada com a situação do garoto, e disse ainda que a mãe do Paulo nunca

² Murilo é o nome fantasia de um dos garotos escolhido para participar da pesquisa.

³ Paulo é o nome fantasia de um dos garotos escolhido para participar da pesquisa.

foi uma mãe presente, e sempre que é chamada na escola não aparece, quando lhe pedem para marcar consultas com médicos especialistas para seu filho ela não marca.

Sempre que a escola tem uma festividade ou algum problema com os alunos entra em contato com os pais para conversar, e quando o assunto é extensivo a muitos alunos, a escola marca uma reunião. Nesse sentido, busca-se deixar os pais a par das situações para juntos encontrarem uma saída para os problemas. Vale apontar que a instituição conta com o apoio de uma psicóloga, que atende todos os alunos, em horários individuais e durante as aulas. Murilo e Paulo são atendidos pela psicóloga regularmente.

6 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética (5148- CEP/ UFLA) e os responsáveis pelas crianças foram devidamente informados sobre os procedimentos da pesquisa e autorizaram suas participações assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

7 A PROFESSORA

Juliana⁴ é formada em normal superior, trabalha há pelo menos 10 anos em sala de aula. Atualmente ela é professora no período da manhã e supervisora no período da tarde. Juliana conta que esteve afastada das salas de aulas por cerca de 3 anos, porque o cargo de supervisão acaba que exige muitos cursos preparatórios e de formação, então ele viaja muito para fazer os cursos e posteriormente repassar para os demais docentes da instituição.

Ela adora sala de aula, e afirma ter pegado uma turma boa e de forma geral disciplinada.

Didaticamente Juliana é considerada umas das melhores professoras da escola. Nas suas práticas pedagógicas a rotina é composta basicamente pela correção dos deveres de casa no início da aula, as aulas de ditado e de produção de texto e o ajudante do dia também seguem fielmente a rotina de sala. Ela não é uma professora que todos os dias faz perguntas sobre o calendário.

⁴ Juliana é o nome fantasia da professora dos meninos da pesquisa.

As crianças adoram a professora e a respeitam muito, porém por medo, visto que, Juliana não tolera conversas fora de hora na aula e tão pouco que as crianças fiquem fora de seus lugares na sala.

Juliana diz que faz o planejamento das suas aulas uma vez na semana, e nesse dia ela planeja todas as aulas daquela semana.

Observei que de forma geral, os alunos dessa turma participante da pesquisa são pouco fluentes na leitura com exceção de algumas crianças que são destaques na sala.

Questionei a professora sobre as dificuldades de Murilo e Paulo, e quais eram para ela a hipótese que explica essas dificuldades. Em resposta ela disse que eles ainda não sabem ler, e que isso veio sendo empurrado por toda a trajetória escolar dos meninos. Perguntei como ela lida com as dificuldades, - Juliana respondeu que com o Paulo trabalha com atividades diferentes da turma, e que ele geralmente senta ao lado de um aluno que sabe mais. E com Murilo, ela diz que tenta trabalhar no mesmo ritmo da turma para que ele acompanhe os colegas.

Em seguida, perguntei sobre a relação da escola com a família dos garotos, - Juliana disse que a mãe de Paulo não liga muito, vem pouco às reuniões, e quando é chamada na escola nunca aparece, e que sempre foi assim. Já a mãe de Murilo é mais presente, participa e se preocupa com a vida escolar do filho, porém não põe o menino para estudar.

A concepção que a professora tem de educação é que a família tem que ajudar, incentivando na leitura e criando hábitos de estudos em casa, porque dificuldades de aprendizagens uma ou outra criança sempre vai ter, o que muda é como a família lida com isso.

8 CASO MURILO

Murilo tem 9 anos, estuda no 3º ano de uma escola municipal no interior do Estado de Minas Gerais, este é o segundo ano consecutivo que o menino frequenta esta série. A criança reside com a mãe J. ,seu pai, A. e seu irmão, B. de 1 ano de idade na zona rural da cidade.

Murilo a pedido da escola foi encaminhado para uma consulta com um médico psiquiatra e diagnosticado por ele com TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com

Hiperatividade) e dislexia. Desde então o menino faz uso do medicamento Ritalina e mais tarde começou a frequentar a sala de recursos do município.

Murilo tem para si que precisa da medicação para ficar calmo, bonzinho e aprender.

Das dificuldades e facilidades de aprendizagem de Murilo no contexto do processo de alfabetização temos como dificuldade a leitura e por sua vez a escrita e como facilidade a resolução de operações matemáticas.

Na identificação de temas geradores para o trabalho com a Murilo temos: jogos, programas de Televisão como desenhos, cavalos, animais em geral e super heróis. Das atividades que o menino mais gosta de fazer são: andar a cavalo, brincar de carrinho e assistir desenhos animados.

A criança e a família

As informações colocadas neste subitem foram coletadas na ocasião da visita domiciliar, na qual estavam presentes a bisavó e a mãe da criança. Murilo era filho único até a chegada de seu irmão B. A mãe do menino relatou que em casa, a chegada do irmão mais novo, causou ciúmes em Murilo, e a tudo que lhe é perguntado, ele responde: “Se o B. não tivesse nascido você não brigaria comigo, quero ver quando ele crescer se vai brigar com ele também”.

Murilo geralmente brinca com seus primos que moram relativamente próximos, mas na maioria das vezes brinca sozinho. Segundo a sua mãe, Murilo é bem agitado, gosta muito de conversar em casa e gosta de morar na zona rural. Adora andar a cavalo e a fazer as atividades inerentes ao cotidiano da sua casa juntamente com seu pai.

Em relação às tarefas escolares, a mãe de Murilo disse que ele não gosta muito de fazer os deveres e de estudar. Às vezes pega um livro ou outro mais logo o deixa. E com essa situação a mãe de Murilo perde a paciência de ensinar e acaba brigando com ele. A mãe do menino, completa dizendo: “- o pai do Murilo sempre teve muita dificuldade na escola, e até hoje ainda tem, tanto que não sabe ler” .

Mesmo diante dessas dificuldades, J. não deixa de procurar ajuda para seu filho ter uma boa aprendizagem. Ela diz ser muito presente na vida escolar do filho e

sempre que é chamada na escola ela comparece e se prontifica a fazer o que lhe pedem.

Quando questionada sobre a história escolar do filho, a mãe responde que sempre moraram na zona rural, mas que mesmo assim o menino nunca deixou de frequentar a escola. E, em certo momento da vida escolar de Murilo apareceram as dificuldades de aprendizagens, mas ela sempre associou a não aprendizagem do menino à não aprendizagem do pai. Até que a pedido da escola encaminhou Murilo a um médico especialista, e lá deram o diagnóstico de dislexia e TDAH.

Questionei ainda sobre o que ela pensava acerca das expectativas de escolarização do menino, o que para ela explica as dificuldades de Murilo e sobre a concepção de aprendizagem que ela tem e o que a família faz diante das dificuldades do menino. Em resposta me disse que espera que o menino “seja alguém na vida”, que um dia ele se forme em algo que ele goste. Reforçou que Murilo herdou do pai a dificuldade em aprender. Disse ainda que, sempre coloca Murilo para fazer os deveres, que o menino vai de corpo mole, mais vai, e que às vezes até perde a paciência de explicar. E sobre a concepção que ela tem de desenvolvimento, a mãe de Murilo disse apenas que “tem criança que já nasce gostando de estudar e outras não. Quando a criança gosta tudo é mais fácil. Mas ela tem que gostar”.

A criança na escola

Na sala de aula, Murilo se senta no último lugar da fila. Durante as aulas o menino passa a maior parte do tempo sentado em sua cadeira, só se levanta para levar o caderno para correção quando solicitado pela professora, para pegar algum livro no cantinho de leitura disponibilizado na sala, ou ainda para pedir algum objeto emprestado para seus colegas.

Nos momentos em que a professora está fazendo correção de algum exercício, passando matérias no quadro ou explicando a matéria, Murilo presta atenção e acompanha a aula: - vez ou outra se dispersa com alguma criança que está sentada próximo dele, mas logo retoma a atenção na aula.

Murilo reconhece as letras e as sílabas, têm dificuldades com as sílabas complexas e não têm consolidado a forma de escrever de algumas letras cursivas maiúscula e minúsculas. Com isso Murilo tem dificuldades nas leituras. O menino tem

facilidade em memorizar informações, e usa dessa habilidade para responder muitas, senão todas as atividades propostas em sala. Ele deixa de responder alguma atividade ou deixa de acompanhar as leituras propostas pela professora quando ele se perde na leitura por não saber ler de forma fluente. Esse é o momento que Murilo se desliga da aula.

Observação em sala de aula

Houve uma situação em sala na qual a professora foi até a carteira do Murilo, enquanto ele fazia a primeira questão das tarefas do quadro. O menino sabia o que responder já que memorizou a questão. Porém, quando chegou na terceira tarefa ele me chamou para saber o que pedia a questão. Ao ouvir a minha explicação, ele foi ao quadro e interpretou a questão. Percebi dessa forma, que Murilo consegue interpretar no texto, porém, não sabe ler as perguntas.

Murilo a pedido da professora foi arrumar o cantinho da leitura. O menino demonstrou uma forma própria de organização quando um colega colocava os livros de qualquer forma. Enquanto Murilo arrumava os livros, ia falando os que gostava e os que não eram tão interessantes assim. Dentre os preferidos, apareciam livros sobre animais e histórias de heróis. Nesse mesmo dia, na aula de ciências da natureza, em uma conversa sobre animais que podem ou não ser criados em casa, e sobre registro de animais, ele comentou o tema que a professora estava tratando, se mostrou interessado no assunto e tinha propriedade no que estava falando, já que fazia parte do cotidiano do menino. Isso reforça o interesse do menino pela temática.

Durante a aula de ditado, Murilo não escreve as palavras ditadas pela professora e fica fazendo movimentos aleatórios com o lápis. Ao final, vi que de algumas palavras que foram ditas ele escreveu apenas as letras E e A. Ao escrever, Murilo soletra as palavras e posteriormente as escreve, sempre faz uma consulta ao alfabeto que fica disposto em cima do quadro para identificar alguma letra. Murilo levou o caderno para correção e a professora disse: “Vou escrever aqui, e você copia em baixo”. Quando ele chegou na sua carteira, me disse: “ Acertei tudo! Tô brincando, só uma.”

Outro fato que aconteceu em sala foi que Murilo ao ver um colega lendo para mim uma parte de um livro, pegou outro livro e iniciou uma leitura em voz alta,

olhando para mim, como se estivesse querendo saber se o que lia estava certo. Diante disso, sentei ao seu lado para que ele pudesse ler. O menino fez a leitura de todas as palavras ora trocando uma letra por outra, ou me questionando como deveria ler tal palavra.

Em uma das aulas, a turma estava agitada, a professora irritada chamou a atenção dos alunos, pedindo que se sentassem em seus lugares e parassem de conversar. Murilo estava voltando para a sua carteira enquanto continuava a conversa com um colega. A professora ao ver, gritou com Murilo chamando sua atenção para se sentar e fazer a lição. E completou dizendo: "Pra fazer a lição não é bom né, mais pra ficar de conversinha, aí nisso você é bom". O menino imediatamente com jeito de desabafo respondeu à professora: "a senhora ajuda as outras crianças e eu não." A professora, logo respondeu: "O quê? Não te ajudo? Você está muito respondão e mal educado, vou conversar com a sua mãe." Diante disso, Murilo responde em voz baixa e nervoso: "ah é muito chata, não gosto de você, não vou fazer mais nada".

Diante das observações feitas em sala, constatamos que Murilo não se sente à vontade em fazer perguntas para a professora quando tem alguma dúvida ou em participar da aula respondendo às indagações feitas por ela. Quando Murilo arrisca responder as perguntas feitas pela professora sua voz não chega até ela e a professora por não ter ouvido não dá atenção à resposta dada pelo menino.

Outro fato que pôde ser notado é o comportamento de Murilo quando vai levar seus cadernos para a professora fazer correção, o menino se encosta na parede que fica atrás da mesa da professora e deixa a sua vez passar e só coloca o seu caderno na mesa para correção quando já não tem mais alunos ali. Esse comportamento do Murilo parece demonstrar a falta de confiança que ele tem de si mesmo e a certeza em si que seus deveres estão todos errados.

Murilo às vezes pergunta para a professora o que é para ser feito nas atividades, porém, na maioria das vezes não pergunta e espera a correção no quadro ou olha no caderno de algum colega para tentar acompanhar. Quando observei esse comportamento do menino me aproximei e perguntei a ele se precisava de ajuda, ele disse que não sabia o que era para fazer na questão, eu então li a questão para o menino, e ele por se lembrar dos comentários da professora a respeito da pergunta, ou por ter prestado atenção na leitura do texto ou ainda por simplesmente ter pensado a respeito da questão chegava na resposta correta. Esse é um comportamento comum do menino nas aulas, e raras foram as vezes em que a professora foi até a mesa dele

perguntar se precisava de ajuda. Com o decorrer dos dias a intervenção que eu fazia era diferente, eu pedia que o menino fizesse a leitura a seu modo para juntos acharmos uma resposta, ao invés da leitura ser feita por mim.

Analisando as Interações didático-pedagógicas entre a professora e Murilo, pode-se perceber que ela deixa um pouco a desejar com relação à atenção que dá ao menino durante as atividades em sala de aula, dado que é de conhecimento dela o fato de ele não conseguir ler. Essa situação acontece também durante as provas, o que talvez justifica suas baixas notas. Murilo está acostumado a ter notas ruins e isso faz com ele acredite que sempre suas tarefas e provas estarão erradas. As intervenções pedagógicas não levam em consideração as aprendizagens consolidadas e as aquisições iminentes da criança, o que acaba por estagnar seu desempenho nas atividades escolares. Um exemplo claro deste processo é o fato de, diante da dificuldade do menino no ditado diagnóstico, a professora propor uma atividade de cópia das palavras ditadas, a qual não atua na superação dos entraves de compreensão da escrita como instrumento cultural complexo, vivenciados pela criança. Em contraponto, a professora demonstra grande preocupação com a falta de “reforço” que o menino não vem recebendo por conta da falta de professores na escola.

A professora relatou ainda que o médico mudou o remédio pois o menino estava muito agitado, e que seu comportamento melhorou com essa troca.

Desde que comecei a estudar com Murilo e desde que o menino passou a frequentar a sala de recursos, ele demonstrou melhoras na leitura e se mostrou mais autoconfiante, percebendo seu potencial em aprender.

A criança no grupo

Murilo é uma criança tímida, conversa e interage pouco com alguns alunos da sala de aula e com os que são mais próximos, ele tem uma interação melhor. Nas brincadeiras durante o recreio ele é participativo, demonstra interesse em participar e quando surge algum desentendimento entre ele e os meninos no jogo ou quando alguém se encontra burlando alguma regra da brincadeira Murilo reage de forma agressiva com o colega, segundo relatos dos funcionários da escola que são responsáveis por cuidar do recreio. E como punição, sem a oportunidade de ser ouvido, Murilo perde o recreio dos dias subsequentes.

Em sala de aula, geralmente fica mais quieto, prefere não responder às perguntas quando são feitas em voz alta, e também não gosta de ir ao quadro responder a alguma questão.

No geral Murilo conversa, ri, e faz piadas com os colegas.

8.5. A entrevista com a criança

Em um momento durante a intervenção, em conversa com o menino fiz algumas perguntas a ele. Comecei perguntando sobre brincadeiras - se ele gostava de brincar, a brincadeira que ele mais gostava e com quem geralmente brincava. Em resposta, disse que adorava brincar de bola e de andar de bicicleta, disse também que brinca com os primos que moram próximos à ele. Quando questionado sobre a disposição que tem ou não para estudar, Murilo respondeu que ora gosta de estudar e ora não. Contou também que matemática, educação física, informática e inglês são as disciplinas que mais gosta. Dentre elas, Murilo considera inglês a mais difícil – por ter palavras que ele não entende, e a mais fácil educação física. Questionei Murilo sobre os momentos que ele se dedicava aos estudos em casa, em resposta disse-me que apenas na hora de fazer as lições de dever de casa, com sua mãe, disse também que ela é pouco paciente. Ao final, perguntei o que ele opinava sobre da professora; se levava livros da biblioteca da escola para ler em casa e também se ele estava gostando de frequentar a sala recurso do município. Em resposta, falou que a professora é – “um pouco boa e um pouco nervosa”. Disse também que levava livros para ler em casa e que vai voltar a levar.

Sobre a sala de recursos, Murilo respondeu que gosta de frequentar porquê lá – “a gente faz brincadeiras e aprende”.

9 AUTO RETRATO

O auto retrato configurou umas das atividades realizadas em sala de aula pela professora. Nessa atividade cada criança deveria fazer em uma folha, o seu auto retrato, para posteriormente colocar uma foto -de cada criança e expor no varal de atividades da sala.

As crianças ao escrever sobre si mesmas não estavam sabendo o que escrever, dessa forma a professora falou algumas das características dessas crianças para que elas pudessem registrar na atividade.

Com Murilo não foi diferente. O garoto não sabia o que escrever e pediu a ajuda da professora- que sugeriu: “escreve que você é bagunceiro, magro, tem cabelos pretos..”. Em seguida, Murilo com a ajuda da professora escreveu todo seu auto retrato.

Paulo também a ajuda da professora para escrever a sua atividade. A professora falou para o garoto escrever que ele era “baixo, de olhos claros, preguiçoso, comilão e bagunceiro.

Nenhum dos dois garotos questionaram a professora sobre as características que ela atribuiu a eles. Claramente podemos notar que Murilo e Paulo tem estereótipos construídos por outrem e por eles aceito.

Segundo Britto (1980 citado por ROSENAL e JACOBSON ,1968) podemos refletir sobre a construção desses estereótipos que são associados às expectativas positivas e negativas formadas pelos alunos e pela professora à luz do conceito de profecia auto realizadora dos autores Rosental e Jacobson (1968). Para os autores, a expectativa de uma pessoa para com outra pode contribuir no comportamento desse indivíduo. A pessoa interioriza tudo o que os outros acreditam que ela é, e passa a se comportar de forma correspondente, acreditando fielmente naquilo que dizem a seu respeito. Os autores salientam que, essas expectativas projetadas sobre outra pessoa pode ajudar ou prejudicar o desenvolvimento desse indivíduo. Sendo assim, no contexto escolar, a expectativa que o professor tem sobre a realização escolar do aluno contribui para o seu sucesso ou insucesso nas aprendizagens.

Diante do que foi posto, talvez tenhamos justificado a posição dos garotos em aceitar as características que foram atribuídas à eles pela professora ao perceber que essa é a referência de identidade que ambos internalizaram.

10 SONDAGEM DE HIPÓTESE DE ESCRITA

Abaixo estão descritas as sondagens realizadas com Murilo e o repertório de palavras usadas.

- *Repertório de palavras:*

ELEFANTE

CAVALO

LEÃO

RÃ

FRASE À ESCOLHA DA CRIANÇA

NOME COMPLETO DO ALUNO

- Descrição das sondagens:

A sondagem 1, foi realizada no dia 18 de abril de 2018, dentro da sala de aula nos instantes finais da aula.

Pedi para que o menino escrevesse algumas palavras para mim – no caso eram as palavras acima descritas no repertório de palavras- e ele aceitou.

Ditei a primeira palavra, ele soletrou bem devagar e com um pouco de dificuldade. Em seguida seus olhos se voltaram para mim como se estivesse pedindo a resposta, eu disse ao menino que escrevesse do jeito que ele achava que era, sem preocupação de estar certo ou errado.

Em todas as palavras que ditei ele teve o mesmo comportamento, e sempre com dificuldade em associar as sílabas. Na palavra elefante foi um pouco diferente, ele se atentou á palavra para escrevê-la.

Ao pedir a leitura das palavras ao menino a única relação que ele fazia era de apontar o lápis para o início da palavra e arrastá-lo devagarinho até o final da palavra e finalizar a leitura.

Ao final pedi que o menino criasse uma frase com umas das palavras, ele logo escolheu e disse que gostava muito de cavalo. A frase escolhida foi “o cavalo é

rápido”. Murilo escreveu a frase soletrando as sílabas, como fez com todas as outras palavras, mas sempre olhando para mim para que eu o ajudasse.

Na figura abaixo temos a imagem da sondagem 1 realizada com Murilo.

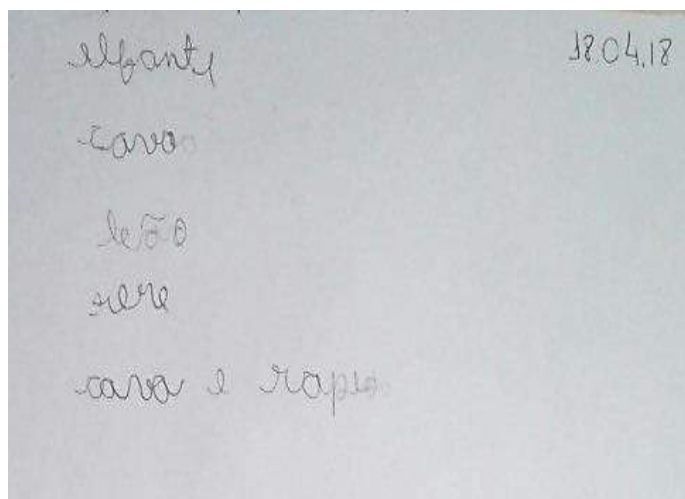


Imagem 1: Sondagem 1.

Fonte: Relatório Pesquisa de intervenção.

A sondagem 2, foi realizada no dia 22 de maio de 2018, em uma sala separada. Dessa vez usei para fazer a sondagem um alfabeto móvel. Em todas as palavras ditadas ele teve o mesmo comportamento da sondagem anterior, soletrava as sílabas e as vezes direcionava seu olhar em minha direção para pedir ajuda.

Pedi que o menino fizesse a leitura das palavras que ele acabava de escrever, e dessa vez o menino passava o lápis pontuando as sílabas: em algumas palavras a demarcação estava correta em outras sílabas não.

O menino demonstrou dificuldade em representar sílabas complexas (*nh* e o *R* antes das vogais) dessa forma ele soletrava as sílabas e deixava um espaço e escrevia o restante da palavra, percebendo que estava faltando alguma coisa sempre voltava a soletrar esses espaços vazios e pedia que eu repetisse a leitura. Até que por fim e depois de deduzir várias palavras ele colocou o *R*, já com o *Nh* foi mais demorado, ele só colocava *NA* mais entre essas duas letras ele deixava um espaço e entre o *NA* e a sílaba anterior ele também deixou um espaço. O menino percebendo que ainda não havia escrito corretamente a palavra pediu que eu fizesse novamente a leitura. Mesmo com a leitura ele não conseguia identificar o que estava faltando, mas sabia que na palavra faltava alguma coisa, e depois de algum tempo eu acabei dizendo a letra que estava faltando então ele procurou e colocou corretamente na palavra.

Na sondagem 2 o menino ao escrever seu nome percebe que a letra A teria acabado. Então ele resolve deixar o espaço da letra vago.

Na figura abaixo temos a imagem da sondagem 2 realizada com Murilo.

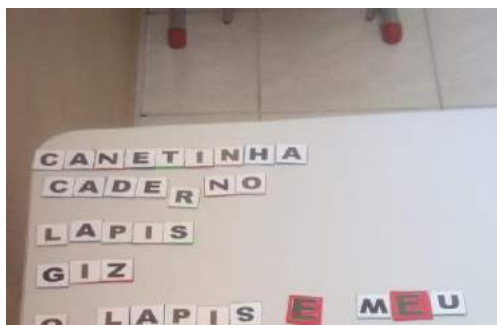


Imagem 2: Sondagem 2.

Fonte: Relatório Pesquisa de intervenção. As palavras usadas foram: canetinha, caderno, lápis, giz. A frase escolhida por Murilo foi: O lápis é meu.

- **Análise das sondagens:**

Sondagem 1: Silábico Alfabético. Ao escrever as palavras, o menino faz a representação da sílaba considerando o valor sonoro das mesmas, e ora deixa de colocar uma letra.

Sondagem 2: Alfabético. O menino já compreende o sistema de escrita, mas apresenta dificuldade em representar as sílabas complexas.

- **Comparação entre as sondagens:**

Na sondagem 1, o menino apresentou uma dificuldade maior ao escrever as palavras se comparado com a sondagem 2 que por sua vez a escrita das palavras estavam mais fluidas, a soletração das sílabas para a identificação das letras estava acontecendo de forma mais rápida.

Na sondagem 2, apareceu palavras com sílabas complexas, e diante disso ele escreveu a palavra mais sabia que a grafia não estava correta e que faltava alguma letra. O menino teve a percepção que alguma letra estava faltando ainda que ele não tenha identificado a letra.

A criança apresentou um desenvolvimento da escrita melhor na sondagem 2, todas as sílabas foram representadas corretamente exceto as sílabas complexas, mas se

compararmos a escrita das palavras na sondagem 1 visivelmente perceberemos o avanço do menino. E na leitura das palavras, na sondagem 2 ele fazia associação das sílabas lidas com a pronúncia e traçava o lápis embaixo da sílaba de forma correspondente. O menino demonstrou maior facilidade na representação das palavras com o alfabeto móvel já que para ele a grafia de algumas letras ainda não está consolidada e ele se confunde ao fazer a relação grafia-som de algumas letras.

A INTERVENÇÃO

Com o passar dos dias eu comecei a fazer atividades com Murilo fora da sala de aula. As atividades foram intercaladas entre as por mim propostas e as que foram solicitadas pela professora. Dentre as atividades propostas pela professora estavam a resolução de operações matemáticas com as quatro operações, leituras e interpretações de texto. Nessas atividades, o menino se demonstrava interessado em fazer de forma correta, seu esforço na leitura era notório, mas ainda não reconhecia algumas sílabas, principalmente as complexas, frequentemente trocava o som ou a letra na leitura de algumas palavras. Nesse momento inicial líamos juntos, e as palavras que o menino não sabia eu fazia a leitura. Na interpretação dos textos, o problema se repetia, já que ele não lia o enunciado das questões e nunca sabia o que deveria fazer. Foi então que pedi para que ele tentasse ler com atenção para tentar se recordar do que pedia o enunciado, porém, como a leitura de algumas palavras quase não saia, sempre ao final do enunciado, Murilo não havia entendido o que pedia na questão. Pude perceber então, que o que dificultava para o menino era a leitura com fluência de forma que ele pudesse compreender o que pedia os enunciados, porque quando questionado por mim sobre o que falava no enunciado das questões ele respondia corretamente de acordo com o texto.

Diante disso, pautando-me nos fundamentos da psicologia histórico-cultural sobre o desenvolvimento integral dos processos psíquicos superiores, propus ao menino atividades que trabalhassem a correlação entre os sons e a escrita das palavras, para que ele pudesse progressivamente, desprender-se da apreensão figurativa das letras e compreender a função social da escrita como instrumento simbólico a favor da comunicação (LURIA, 2001).

A primeira atividade foi com rimas. Eu dizia uma palavra de forma aleatória e pedia que Murilo falasse uma palavra que rimasse. Eu disse: O que rima com SAPO? E ele pensou, pensou e disse: Não sei. Como eu descubro? Então eu disse três palavras e perguntei qual delas tinha o som mais parecido com a palavra SAPO. As palavras foram: saco, papo e dado. Murilo pensou e respondeu: Papo. Diante da resposta perguntei ao menino o motivo que o levou a escolher a palavra papo, ele disse que as outras até que temo som parecido, porém essa palavra se parece mais com sapo. Pedi que ele escrevesse as duas palavras para que ele percebesse a semelhança, e logo e disse: é essa mesma porque olha só o final é igualzinho. Ele demonstrou ter entendido, porém ainda não tinha um repertório de palavras pronto e só respondia as correspondências das rimas quando eu dava opções para ele escolher. Prosseguimos periodicamente com outras atividades, tais- como: ligar as palavras que rimam e depois pintar da mesma cor formando pares; descobrir as palavras que rimam dentre um repertório de palavras e circulá-las, bingo de palavras com sílabas complexas, jogo de memória com pequenos textos, etc.

Ao longo das intervenções, que aconteciam semanalmente, Murilo se mostrava mais confiante em si e sempre muito esforçado. Ele se preocupava em responder certo, e dizia gostar “desse jeito de estudar”. Esse avanço foi muito relevante, dado, que ele já havia dito em sala várias vezes que não gostava de estudar. O menino estava começando a assimilar os assuntos que lhe tinham sido ensinados. Percebi que muito do que ele não aprendeu foi por pequenos detalhes que não foram explicados de formas diferentes e por mais vezes. Como exemplo, o fato de insistir com o garoto em ler os enunciados das questões; pronunciar o som das sílabas que ele apresentava dificuldade em escrever mostrando e comparando- as formas escritas por ele e a maneira correta da escrita, que ambas podem mudar significativamente o sentido da palavra.

11 CASO PAULO

Paulo tem 8 anos, estuda no 3º ano de uma escola municipal no interior do Estado de Minas Gerais, reside com a mãe T., seu pai, M. e seus 4 irmãos.

Paulo frequentou a Educação Infantil, mas por morar na zona rural faltava muito das aulas. Neste período, o menino se mudou por três vezes de escola, passando posteriormente a se matricular na atual escola, onde é mais assíduo.

Na identificação de temas geradores para o trabalho com PAULO temos jogos, programas de Televisão e cavalos, que são as coisas que o menino mais gosta de fazer.

A criança na família

As informações a seguir foram coletadas durante a visita domiciliar. A rotina de Paulo começa às 6 horas da manhã quando sua mãe o acorda para ir á escola, quinze minutos depois Paulo toma seu café da manhã e sai de casa com a irmã mais velha para juntos pegarem o ônibus da escola. Paulo estuda no período da manhã e à tarde participa de um projeto da escola denominado “ tempo integral”. O garoto volta para casa às 16:30h toma seu banho, sua mãe o coloca para fazer as tarefas da escola e arrumar os cadernos e livros das aulas do dia seguinte. Em seguida Paulo janta e por volta das 20:30h adormece.

Diante das dificuldades de aprendizagem do menino seus familiares procuram ajudá-lo, mas eles não tem muita paciência com Paulo e logo desistem de ensinar o garoto. Segundo relatos da família Paulo não obedece e dá muito trabalho no momento em que alguém está ajudando o menino nas tarefas.

A mãe de Paulo acredita que o menino tem algum déficit de atenção, pois ele é muito desatento, só gosta de brincar, é muito agitado e só fala de “roça” - o tempo inteiro-. A mãe relata que ele gosta muito de mexer no celular e teve que tirar o celular da rotina do garoto. No que se refere às expectativas relacionadas á escolarização de Paulo a mãe do menino acredita que com o tempo ele vai amadurecer e conseguir aprender, se formar e ser alguém na vida.

A concepção de desenvolvimento que a mãe de Paulo tem é que para ela o menino não quer aprender, por isso as coisas não entram na mente dele: ela diz que ainda não está na hora. Ela se questiona muito porque tem coisas que ele demonstra

interesse, gosta de fazer, aprende e faz bem, como por exemplo tocar flauta e tocar violão.

Sempre que Paulo faz algo de errado e sabe que seus pais vão chamar sua atenção, o menino corre para a casa da bisavó. Segundo relatos da bisavó Z. ,ela sempre protege o garoto porque ele em sua gestação a mãe passou por muitos problemas, e hoje em dia ele é um grande vencedor, por isso ela não deixa os pais de Paulo baterem no menino ou chamarem sua atenção. Ela relata ainda que Paulo já percebeu a proteção que ela dá a ele e já corre pra lá porque sabe que nada vai acontecer com ele.

Paulo em casa é bem agitado, não para quieto e gosta muito de brincar com seus irmãos ou na rua de sua casa com os vizinhos, ou ainda ficar no celular. A mãe de Paulo relata que o menino só dá trabalho quando o assunto é estudar, do contrário ele é um bom garoto e afirma que as artimanhas que Paulo faz são natural de toda criança nessa idade.

A mãe T., diz que o menino sentiu muito quando eles saíram da zona rural para vir morar na cidade, e até o hoje o menino pede pra voltar a morar lá. Ela relata ainda que ele é outra criança quando está na roça. Nessas situações Paulo passa o tempo todo entretido na roça e só aparece ao entardecer

A criança na escola

Paulo se sentava no penúltimo lugar da fila próximo à porta de entrada: posteriormente, ele passou a se sentar na primeira carteira em frente à mesa da professora. Durante as aulas Paulo ainda que sentado em sua cadeira, fica disperso, qualquer outra coisa chama a sua atenção- sua roupa, seus materiais escolares, a janela, o colega, tudo menos a aula.

Quando começou a escrever com letras cursivas demonstrou grandes dificuldades, ao ponto de a professora voltar a usar letras bastão com ele. Passado um tempo, a professora pediu que o menino voltasse a fazer letras cursivas-. Paulo ainda tem dificuldades em escrever algumas letras cursivas na sua forma maiúscula.

Nas aulas de matemática Paulo se senta ao lado de uma criança descrita pela professora como esperta e inteligente. A professora acredita que junto de uma outra criança, Paulo fica mais esperto e acompanha as aulas. Mas, de acordo com as observações

feitas na sala de aula, Paulo continua não acompanhando as aulas, porém agora por copiar as respostas da criança que está sentada ao seu lado ele entrega seu caderno para correção.

Nas aulas de português, a professora dá a Paulo uma atividade diferenciada. As atividades geralmente são compostas por sílabas que o menino tem dificuldade de ler. A professora relatou que em português Paulo não consegue acompanhar a sala, mas que na matéria de matemática ela quer ver se ele consegue acompanhar a sala e portanto ela está pegando firme com ele.

Das dificuldades e facilidades de aprendizagem de Paulo no contexto do processo de alfabetização temos como dificuldade a leitura e por sua vez a escrita e demonstra facilidade em algumas tarefas de matemática.

Observação em sala de aula

Das observações realizadas em sala pode-se perceber que PAULO. não vê nenhuma atração nas aulas. O menino, por ter interiorizado que não saberá responder corretamente as questões não se esforça minimamente para tentar encontrar uma resposta. Mas, observando o garoto percebi que quando a intervenção é feita passo a passo ele entende melhor o conteúdo e quando a pergunta é feita de forma integral ele não consegue entender o que é pra fazer. Os professores de Paulo se queixam da preguiça que o menino manifesta em engajar nas atividades. Paulo por sua vez não vê nenhuma finalidade em aprender a ler, e ainda assim olha admirado para seus colegas quando eles estão lendo de forma fluida.

Na hipótese de escrita feita, percebi que Paulo não sabe escrever corretamente o seu nome completo e nas palavras que foram ditadas o menino considerou a letra H como sendo uma vogal ao escrever a palavra gato.

Meses depois, a professora relatou que Paulo não havia demonstrado melhoras na disciplina de Língua Portuguesa, porém, em matemática sim. No mesmo dia, a professora pediu que eu reforçasse o ensino de algumas operações de matemática com o menino, e durante o ensino o menino várias vezes disse que não sabia fazer nenhuma das operações. Eu disse a Paulo que tinha certeza que ele sabia, se fizesse as operações com calma. De fato ele sabia as operações de soma e subtração, embora não arriscasse resolver as operações que julgava difíceis. A dificuldade dele era em compreender as operações de multiplicação, então ensinei ao menino uma outra forma de multiplicar

diferente da que foi ensinado pela professora. Ele compreendeu e fez algumas operações, e ao final, fez uma lista com 22 operações para que ele fazer em casa. No dia seguinte, o menino entregou a folha dizendo ter errado tudo, porém, das 22 operações ele acertou 16 e deixou sem fazer as 6 restantes.

Paulo ainda tem dificuldade em copiar matérias do quadro e comumente fica sem recreio por não copiar

A professora disse que Paulo ficará retido no 3º ano, por não ter condições de frequentar o 4º ano.

Com a minha presença em sala, e com as atividades que fiz com Paulo, pude notar suas dificuldades e que ele prefere não pensar ou fazer algo por medo de errar.

No final do ano letivo, Paulo “não tinha condições” segundo, a professora de passar para a série seguinte (4º ano) e ficou retido no 3º ano.

A criança no grupo

Paulo é alegre e comunicativo dessa forma ele interage bem com todos os colegas de sua sala. E como qualquer outra criança, tem mais afinidade por algumas crianças do que por outras. Paulo adora brincar e pra ele é o melhor momento do dia. Nas brincadeiras ele geralmente fica alheio diante de algum desentendimento que aparece. É uma criança que aproveita ao máximo a hora do intervalo.

Na sala de aula Paulo interage da mesma maneira com os colegas, conversa, ri e faz piadas.

A entrevista

Em um momento durante a intervenção, em uma conversa com o menino fiz algumas perguntas a ele. Comecei perguntando sobre o que ele gostava de fazer. Em resposta, disse-me que gosta de brincar na rua, mexer no celular, comer e assistir desenho. Na resposta, Paulo disse que não está brincando na rua porquê as outras crianças brigam muito, e ele prefere ficar em casa. Perguntei o que o menino mais gostava de fazer na escola e o que ele menos gostava,- ele respondeu que gostava de jogar bola e não gostava de escrever textos e de ler coisas. Diante da resposta dada pelo garoto, questionei-o sobre o motivo que o levava a não gostar de ler e de escrever.

Em resposta disse “Ah, eu canso de escrever muito, e às vezes até a minha mão dói. Perguntei também sobre a matéria que ele mais gostava. Ele respondeu que é matemática- “quando não é muito difícil” e que menos gostava de português. Paulo não vê importância em aprender a ler. O garoto tem o hábito de estudar em casa apenas nos momentos de fazer os deveres de casa. Geralmente Paulo leva livros da biblioteca para casa, porém esquece-os na mochila. O menino gosta de seus colegas de classe e da professora.

Sondagem de hipótese de escrita

Foi aplicada com Paulo bem como foi com Murilo, uma sondagem de hipótese de escrita como sugere a autora Ferreiro (1985) a fim de identificarmos a fase leitura e escrita em que o menino se encontra.

- ***Repertório de palavras:***

ELEFANTE

CAVALO

LEÃO

RÃ

FRASE À ESCOLHA DA CRIANÇA

NOME COMPLETO DO ALUNO

- **Descrição das sondagens 1 e 2:**

A sondagem 1 foi realizada no dia 17 de abril de 2018 , dentro da sala de aula nos instantes finais da aula.

Pedi para que o menino escrevesse umas palavras para mim- as palavras do repertório de palavras acima descritos- e ele aceitou.

Ditei a primeira palavra, ele soletrou bem devagar e com um pouco de dificuldade. E escreveu: ELFTI. Ao ler, passava o lápis rapidamente sem fazer qualquer referência entre som e a sílaba. Na segunda palavra, Paulo se dedicou mais ao escrever, soletrou as sílabas inúmeras vezes antes de escrever. E escreveu:

CAVALO. Ao ler, também não fez relação som- sílaba. A terceira palavra, o menino soletrou algumas vezes, pediu ajuda e disse que não sabia escrever. Eu falei que era para ele escrever da maneira que ele achava que era, sem se preocupar em estar certo ou errado. Ele escreveu: LEE, acentuando com um til (~) o último E. A o ler, apontou o lápis para a sílaba LE e leu de forma correspondente e em seguida apontou o lápis para a letra E acentuada e leu correspondendo essa letra ao som de ÃO. Na última palavra, Paulo demonstrou maior dificuldade. Pensou, soletrou por inúmeras vezes e escreveu: RERE. Ao ler passou o lápis rapidamente por toda a palavra, não fazendo qualquer relação sílaba- som.

Ao final, pedi que escrevesse uma frase com uma das palavras. Paulo escolheu a palavra cavalo, por gostar de cavalos. A frase foi a seguinte: O cavalo é rápido. E ele escreveu: O CAVALO E RAPDO. Ao ler, passou o lápis sem fazer relação som-sílaba.

Para finalizar, pedi que escrevesse seu nome completo. Paulo escreveu seu primeiro nome corretamente, o segundo nome faltou uma vogal e os dois últimos nomes não saiu nada, escreveu apenas letras aleatórias sem qualquer relação letra-som.

Abaixo está a imagem da sondagem 1 realizada com o Paulo.

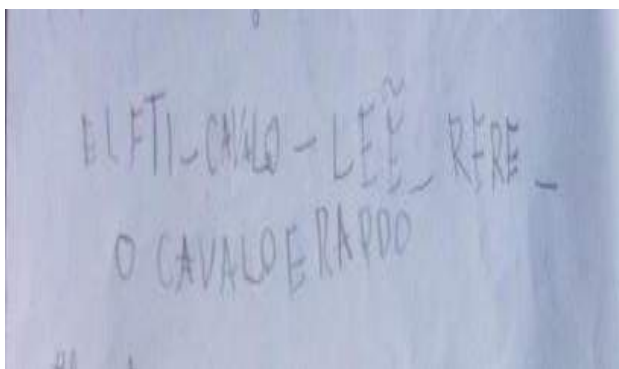


Imagem 3: Sondagem 1b.

Fonte: Relatório de intervenção.

A segunda sondagem foi realizada no dia 22 de maio de 2018, em uma sala separada. Dessa vez usei para fazer a sondagem um alfabeto móvel. Pedi que o menino escrevesse algumas palavras para mim- as palavras do repertório acima descritos. Inicialmente ele não estava motivado; em seguida aceitou. Para essa sondagem repeti as mesmas palavras usadas na sondagem 1. Ditei a primeira palavra. Ele procurou entre as letras e escreveu. Ditei a segunda palavra. Ele procurou as letras e escreveu. Ditei a terceira palavra ele soletrou, procurou as letras e escreveu. Ditei a última palavra, ele procurou e escreveu. Ditei a frase e seu nome e ele escreveu. Enquanto escrevia as palavras, Paulo sempre repetia a palavra para si soletrando, porém ao ler não fez referência som- sílaba em duas das quatro palavras. Ele leu corretamente apontando para as sílabas as palavras: cavalo e leão. A ortografia das palavras comparadas à sondagem 1 estava melhor. Ele fez mais relação sílaba-som. E foram escritas por ele da seguinte maneira: ELEFAT, CAVALO, LEAO, RER, O CAVALO E RAPDO. Na escrita do seu nome a única diferença é que escreveu corretamente os dois primeiros nomes, demonstrando dificuldade na escrita dos dois últimos.

- **Análise das sondagens:**

Sondagem 1: Silábico com valor sonoro. A criança escreve ora uma letra para cada sílaba e ora a sílaba completa.

Sondagem 2: Alfabético. Pode-se considerar esse nível de escrita uma vez que o menino demonstrou significativos avanços no entendimento do sistema de escrita, ainda que ele não se apropriou das convenções ortográficas.

- **Comparação entre as duas sondagens:**

Na primeira sondagem o menino demonstrou estar no nível silábico com valor sonoro. Contudo, na segunda sondagem demonstrou importantes avanços na compreensão do sistema de escrita, representando as sílabas correspondentes com mais facilidade, de modo que pode-se afirmar sua transição para o nível alfabético.

A intervenção

As intervenções com Paulo aconteciam dentro e fora de sala de aula. Dentro da sala, eu auxiliava o garoto a se localizar no quadro enquanto copiava, lia as perguntas e o texto para ele encontrar a resposta e auxiliava o menino nas operações matemáticas.

Diferentemente de Murilo, Paulo não tinha consolidado as operações básicas, ainda usava palitos de picolés para resolver as operações. Em uma intervenção fora de sala, a pedido da professora resolvemos uma lista de operações de soma e subtração. Para Paulo a dificuldade era manusear as dezenas, saber onde colocar o número e entender o valor posicional de cada número. Paulo não entendia por exemplo que deveria começar a resolver as operações pela ordem das unidades, para ele não havia importância, tanto faz começar pelas dezenas ou pelas unidades.

Essa foi a primeira atividade da intervenção. Enquanto resolvíamos as operações fui explicando que na matemática tinha algumas regras, e se não seguissemos as regras os resultados dariam errado. A primeira regra era a de começar pelas ordens das unidades, depois as dezenas, as centenas e assim por diante. A segunda regra é que se uma operação tiver dois números ou mais como resultado, teremos que passar o primeiro número da esquerda para o vizinho da frente e se lembrar dele quando formos somar. Já na subtração a dúvida era sobre pedir um número emprestado para a ordem posicional subsequente e sobre o valor que essas ordens passariam a ter. Fizemos inúmeras operações, para que ele pudesse realmente frisar a parte do conteúdo que estava com dúvidas.

Depois de um tempo, começamos a estudar as operações de multiplicação e divisão, já que as operações de soma e subtração estavam consolidadas. Iniciamos passo a passo, fui mostrando os detalhes da resolução que faziam total diferença. Com a prática ele foi aprendendo, não totalmente, porque ainda demonstrava dificuldades em resolver as operações de divisão sozinho, mas as multiplicações estava sabendo.

Já as intervenções para que Paulo pudesse avançar na leitura, foram baseadas na leitura e interpretação de pequenos textos sugeridos pela professora e de atividades que trabalhavam a face sonora das palavras, - para que Paulo fosse percebendo os diferentes sons. Trabalhamos com rimas, aleatoriamente eu falava uma palavra e ele deveria dizer uma outra que rimasse. Fizemos diferentes atividades de identificação de rimas. Nessas atividades com rima, percebi que Paulo tinha dificuldade em escolher

uma palavra que rimasse. Quando as opções de palavras estavam em cartões, ele com toda esperteza comparava as palavras e as organizavam de acordo com a semelhança das letras no final da palavra. Em momento algum ele leu o som da palavra, apenas olhou a escrita delas e se estivessem iguais respondia que eram rimas.

O bingo de palavras e o bingo silábico também estiveram no repertório de atividades que foram trabalhadas com Paulo. Inicialmente, fizemos um apanhado geral das famílias silábicas utilizando os cartazes do alfabeto móvel disponível na sala. Alguns sons das famílias silábicas ele sabia, outros não. Das sílabas complexas ele não recordou de nenhum, nem dos que estavam sendo estudados com ele naquelas semanas pela professora. Percebi que deveria focar prioritariamente nessas sílabas complexas - então para o bingo utilizei predominantemente palavras que tinham sílabas complexas. Quando ele lia a palavra sorteada ou uma sílaba errado, eu mostrava como deveria ser a leitura da mesma. Eu lia de forma articulada e devagar para que ele pudesse compreender o som daquela junção de letras.

Basicamente, com Paulo foram trabalhadas as atividades acima mencionadas e jogos de memória com palavras e trilhas com palavras. Sempre na tentativa de fazer o menino entender e memorizar os diferentes sons das famílias silábicas de uma maneira menos cansativa e diferenciada, ou seja, foram trabalhados os mesmos assuntos de diferentes maneira.

Ao longo da intervenção, Paulo já estava atento à leitura correta das sílabas complexas- ora ainda que despercebidamente o garoto fazia a leitura das palavras errado, ele, por si só retomava a leitura da palavra de forma correta. Já na leitura das sílabas simples o garoto demonstrou maior fluidez se comparado aos momentos anteriores à intervenção. Na escrita, Paulo ainda demonstrava pouca disposição para tal, porém, sua grafia apresentou melhores formas- a letra estava mais legível, sua concentração ao copiar melhorou, visto que ganhou mais agilidade por já ter assimilado a escrita de algumas letras na forma cursiva a qual apresentava dificuldades sem precisar consultar o alfabeto móvel afixado na parede da sala de aula.

Na leitura, Paulo também apresentou uma boa evolução. Ao ler, o garoto que antes lia pausadamente a letra isolada para posteriormente formar o som das sílabas, agora já lê a sílaba e a palavra com mais rapidez. Demonstrando ter assimilado o som das sílabas.

Discussão

Ao final do acompanhamento percebemos que Murilo obteve melhoras significativas. Sua leitura já estava melhor, ainda não estava fluente, porém estava melhor do que comparado ao início da pesquisa. Ele já não tinha dúvidas quanto à escrita de algumas letras como tinha no início. Murilo agora tem mais disposição em ir no quadro fazer as respostas se comparado ao início, desde que, - as questões não pareçam complexas. Sua timidez diante dos alunos também melhorou, visto que ele pouco falava.

Todos os recursos somados: aula de reforço na escola, sala de recursos e a intervenção realizada desta pesquisa, propiciaram juntos, avanços significativos para o desenvolvimento do menino. Porém, mesmo diante de todo esse crescente desenvolvimento, têm-se ainda muitos passos a percorrer para que Murilo atinja sua total alfabetização. Murilo já compreende o que antes era complexo para ele, porém pequenas atitudes ainda precisam ser feitas para que ele não se sinta envergonhado de ir o quadro ou de fazer uma leitura em voz alta. Murilo agora está no 4º ano, com a mesma turma, e com uma nova professora. E infelizmente parece não receber a atenção que precisa, - sobretudo quanto à exposição que passa na sala de aula, que parece ter piorado, pois não são feitas mediações por essa nova professora para que o menino se sinta a vontade e seguro em ir ao quadro responder a alguma pergunta.

Paulo por sua vez, permaneceu no 3º ano, e segundo a nova professora seu quadro é melhor se comparado à situação que ele estava no ano anterior. Ele alcançou avanços importantes na aquisição da escrita, porém não foram suficientes para o menino “ aguentar o 4º ano” diz a nova professora, que completa dizendo que ele deve ter algum distúrbio de aprendizagem e que vai ser encaminhado a um médico especialista.

Uma mudança comum entre Murilo e Paulo durante a período das intervenções foi a confiança que eles passaram a ter em si mesmos. Eles se viam capazes de aprender desde que se esforçassem. Considero esse como sendo o maior de todos os ganhos, o maior de todos os saltos, pois ver perdida a autoconfiança de alguém é perceber que aquela pessoa não tem perspectivas de melhora e tão pouco de mudança da uma situação a que estão. É muito triste ver crianças se enxergarem como incapazes, reproduzindo constantemente para si mesmas que estão fadadas ao fracasso, tão jovens e já não sonham, não acreditam. Claro que de nada adianta só uma

intervenção de alguns meses para mudar totalmente a maneira de pensar dessas crianças, porém esse é o ponta pé inicial, e esse trabalho de mudança de pensamentos e comportamentos deve ser continuado pelas professoras e pela escola.

Ademais, as metodologias pedagógicas adotadas em sala de aula pela professora não eram sensíveis às fases da escrita consolidadas pelas duas crianças. Existia um distanciamento enorme entre esses dois elementos. A mediação intencional e o acompanhamento nas atividades por parte da professora para com Paulo e Murilo mostravam-se insuficientes em promover saltos qualitativos de aprendizagem. Destarte, as cobranças feitas acabavam sendo descabidas. Cobrava-se além do que as crianças conseguiam fazer sozinhas. Sem qualquer mediação. Sem qualquer suporte. Não estavam sendo consideradas as aquisições iminentes dos meninos. A expectativa docente estava além do que as crianças eram capazes de alcançar naquele momento e este processo cristalizou o fracasso escolar.

Portanto, durante a investigação ficou evidente o descompasso das intervenções pedagógicas propostas pela professora- nas avaliações, nas leituras em sala de aula e nas correções coletivas das atividades no quadro. Muitas vezes Paulo e Murilo deixavam de participar por serem excluídos dessas atividades ou por simplesmente não quererem se expor, caso respondessem a questão errado. Ainda que não intencionalmente, a prática pedagógica era excludente dado que não atuava sobre o potencial de aprendizagem desses meninos. Vale ressaltar, ainda que a análise do perfil da sala mostrou que mais crianças estavam em igual situação de Paulo e Murilo, visto que a maioria apresentava dificuldades na aprendizagem- sobretudo na aquisição da leitura.

Parece não ser clara a compreensão dos múltiplos fatores que se materializam na queixa escolar, fazendo com que seja replicada a culpabilização individual- a suposta falta de incentivo dos familiares e a ausência da predisposições de estudar dos garotos eram predominantemente as explicações dadas para justificar as dificuldades de ambos. Vale destacar que a visão estereotipada da professora sobre as famílias, acreditando que em casa o aluno não tem quem se interesse pelas suas questões educacionais, não motivando dessa forma o desenvolvimento escolar foi contrariada pela visita às famílias, nas quais pude notar a preocupação que os familiares tinham sobre as questões educacionais dos garotos.

Diante de tudo que foi exposto, e alicerçada na psicologia Histórico Cultural procurei desenvolver atividades diferentes das aplicadas em sala de aula pela

professora, em um viés lúdico - como o bingo, os jogos de memória e as atividades com rimas, perpassando naquilo que os garotos estavam sendo capazes de fazer e atuando nas suas pendências psíquicas (MARTINS,2011), com a finalidade de resgatar a apreciação pelo estudo dos garotos e a aprendizagem dos mesmos.

12 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa, observei que a escola e a professora tinham juntas a boa vontade de querer ajudar os garotos, não poupavam esforços para encontrar uma solução. Contudo, não consideravam outras formas de educar além da perspectiva tradicional de ensino. Não compreendiam o tempo de aprendizagem de cada criança que é tão singular.

A questão em foco é a mudança de paradigmas. Da escola. Da professora. Da família. Da criança. Todos precisam mudar suas concepções de educação. Todos precisam entender que não existe um culpado. Que não existe um único método infalível de alfabetização.

Mudanças significativas de paradigmas acontecerão quando as vivências no âmbito escolar já não se basearem mais nas práticas educativas tradicionais, que tanto aniquilam os saberes e as possibilidades de desenvolvimento e de aprendizagens significativas.

Com essa pesquisa pude refletir sobre a importância da instrumentalização teórica da prática docente. Me fez perceber o quão importante é estar atenta às singularidades de personalidades e aprendizagens que cada criança tem, e sobretudo, a importância de ter sempre e a todo momento boas expectativas sobre a realização escolar do aluno, buscando sempre incentivá-los a buscarem o seu melhor sempre.

Em suma, estar ciente da importância de orientarmos nossas práticas pedagógicas à pressupostos que coloca a aprendizagem a serviço do desenvolvimento- ou seja propiciarmos aos educandos condições de superação de conceitos tidos por eles de grande complexibilidade e ao mesmo tempo dispormos de informações completas e diversas contribui para que as crianças de fato construam seus próprios conceitos e sobretudo, se apropriam de tal, essa é portanto para mim a principal contribuição da psicologia Histórico-Cultural para a prática docente- compreender sua atuação de ensino na lacuna entre aquilo que o educando sabe fazer sozinho e o que ele ainda não sabe, afim de promover saltos qualitativos do psiquismo.

REFERÊNCIAS

BRITTO, V. M. V; LOMONACO, J. F. B. **Expectativa do Professor: Implicações Psicológicas e Sociais**. 1980. 79 p. Tese (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano)- Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1980.

BULHÕES, L. F. S. S; MARTINS. **A Relação Intrínseca entre a Psicologia Histórico-Cultural e a Epistemologia Marxiana**. *Psicol. Estud.*, Maringá, v. 23, p. 47-58, 2018.

CHECCHIA, A. k. A. P. **Contribuições da Psicologia Escolar para a formação de professores: um estudo sobre a disciplina Psicologia da Educação nas Licenciaturas**. 2015. 245 p. Tese (Doutorado em Psicologia)- Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

FERREIRO, E. **A Representação da Linguagem e o Processo de Alfabetização**. *Cad. Pesq.*, São Paulo, v. 52, p. 7-17, fev 1985.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1992.

FERREIRO, E.; TEBEROSY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

LURIA, A. R., **O Desenvolvimento da Escrita na Criança**. São Paulo: Ícone, 2008.

MARTINS, L. M. **Contribuições da Psicologia Histórico Cultural para a Pedagogia Histórico-Crítica**. *HISTEDBR Online*, São Paulo, v.13, n.52, p. 286-300, set. 2013.

MARTINS, L. M. **Fundamentos da Psicologia Histórico- Cultural e da Psicologia Histórico- Crítica**. Bauru, 2016.

Disponível em:
<<http://ead.bauru.sp.gov.br/efront/www/content/lessons/78/Fundamentos%20da%20PHC%20e%20da%20PHC%20-%20MARTINS.pdf>>. Acesso em: 24 de maio 2019.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. **Documento Orientador para Sondagem de Língua Portuguesa: ciclo de alfabetização**. São Paulo, 2018.

APÊNDICE A- Entrevista com o Murilo

As perguntas(P) e respostas (R) foram descritas abaixo.

P. Murilo você gosta de brincar? Quais brincadeiras mais gosta? Com quem você geralmente brinca?

R. Sim, de bola e bicicleta. Eu brinco com os meus primos que moram um pouco perto da minha casa, com meus amigos aqui da escola no recreio e com o meu irmãozinho.

P. Gosta de assistir TV?

R. Gosto, gosto de ver o desenho dos Minions.

P. Você gosta de estudar? Qual as matérias que mais gosta?

R. Gosto e as vezes não. Gosto de matemática, educação física, informática e Inglês.

P. E qual dessas você acha mais fácil e a mais difícil?

R. A mais fácil eu acho educação física e a mais difícil inglês, porque tem umas palavras que eu não sei.

P. Murilo na sua casa qual é o momento que você estuda?

R. Eu estudo só na hora do dever.

P. Quem te ensina o dever de casa?

R. A minha mãe, mas ela tem só um “*cado*” de paciência. E riu.

P. O que você acha da sua professora?

R. Ah! ela é um pouco boa e um pouco nervosa.

P. Você pega livros na biblioteca para ler em casa?

R. Pegava, e vou começar a pegar.

P. Desses livros que você leu, qual foi o que mais gostou?

R. Foi o do porco comilão. Era um porquinho que comia tudo.

P. Quando no livro tem uma palavra difícil, o que você faz?

R. As vezes eu tento ler devagar e quando não sei peço a minha mãe para me ajudar.

P. Você está gostando de ir às quartas feiras na professora A.? (sala de recursos do município)

R. Eu gosto, lá a gente faz brincadeiras.. aprende.

APÊNDICE B – Entrevista com o Paulo

As perguntas(P) e respostas (R) foram descritas abaixo.

P. O que você mais gosta de fazer?

R. Eu adoro brincar na rua, mas não estou brincando muito, mexer no celular, comer e assistir desenho.

P. Por que não está brincando muito na rua?

R. É que as crianças brigam muito, aí eu prefiro ficar em casa assistindo tv ou jogando joguinho no celular.

P. Na escola o que você mais gosta de fazer? E o que menos gosta?

R. Eu mais gosto de jogar bola e não gosto de escrever textos e de ler as coisas.

P. Por que não gosta de escrever e de ler?

R. Ah, eu canso de escrever muito, e às vezes até a minha mão dói.

P. Qual é a matéria que você mais gosta de estudar? E a que menos gosta?

R. Às vezes continha, quando não é muito difícil. E eu não gosto de português, é chato né?

P. Eu gosto de português porque sei que é importante aprender a ler. Você não acha importante aprender a ler?

R. Não. A gente não precisa aprender a ler.

P. E se o seu cavalo ficar doente e você precisar levar ele ao veterinário, como vai fazer pra ler o que o médico escreveu se não saber ler? Por isso acho importante, você concorda?

R. É, pra isso é, mais aí eu peço a minha mãe pra ler. E riu.

P. Em que horário você estuda na sua casa?

R. De noite, quando minha mãe faz janta e me ensina o dever.

P. Você leva livro da biblioteca para ler em casa?

R. Sim, as vezes eu levo, só que tem dia que esqueço ele dentro da mochila.

P. Você gosta dos seus amigos da sala e da professora?

R. Eu gosto, uai.

